



CAPÍTULO 6

Entre fatos e hipóteses: a linguagem em análise¹

*Ivete Monteiro de Azevedo*²

*Lídia Maria Nazaré Alves*³

*Fernanda Soares Wenceslau*⁴

*Leonardo Gomes de Souza*⁵

1 Artigo desenvolvido no âmbito das aulas de Língua Portuguesa e de Literatura brasileira, na UEMG, unidade Carangola, orientado pelas professoras Ivete Monteiro de Azevedo e Lídia Maria Alves Nazaré, e realizado sem financiamentos.

2 Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF – Niterói/RJ). Vice-diretora, professora e coordenadora do curso de Letras da UEMG, unidade Carangola, entre 2014 e 2019. E-mail: ivete.azevedo@uemg.br.

3 Doutora em Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF – Niterói/RJ). Professora do curso de Letras da UEMG, unidade Carangola, entre 2014 e 2019. E-mail: lidia.alves@uemg.br.

4 Graduada em Letras pela UEMG, unidade Carangola, em 2018. Coordenadora da área de Linguagens e professora de Língua Inglesa na Escola Estadual Doutor Francisco Vieira Martins em Oratórios/MG em 2021. E-mail: fernandasoressw@outlook.com.

5 Graduado em Letras pela UEMG, unidade Carangola, em 2018. Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Viçosa. Desenvolve pesquisas na linha: Literatura, Cultura e Sociedade. Dedicar-se às literaturas africanas e afro-brasileiras. E-mail: leonardogomes.jhs@gmail.com.

Introdução

A tradição bambara do Komo ensina que a Palavra, Kuma, é uma força fundamental que emana do próprio Ser Supremo, Maa Ngala, criador de todas as coisas. Ela é o instrumento da criação: "Aquilo que Maa Ngaladiz, é!, proclama o chantre do deus Komo.

Hampaté Bâ

Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra.

Hampaté Bâ

Essas duas epígrafes não foram escolhidas para iniciar nosso diálogo de uma maneira despreocupada. Elas foram selecionadas por trazer a lume traços da relação do homem com a linguagem, que é muito mais profunda do que se pode conceber. O autor dessas epígrafes é Amadou Hampaté Bâ, etnólogo malinês que dedicou a sua vida a estudar a tradição oral da antiga África francesa. Seus estudos revelam que, no geral, esses povos atribuíam valor sagrado à linguagem por ser diretamente ligada às suas divindades e, portanto, possuir a força de transformar a realidade. Isso era tão arraigado à vida desses povos que a estrutura social foi construída tendo como pedra angular essa certeza.

Este trabalho pretende estudar a linguagem de uma maneira afro-cêntrica, isto é, partindo de outros paradigmas de análise. A tradição que nos foi legada pela Europa, cartesiana, baseia-se na lógica de dividir para conquistar, nesse caso, dividir para aprender. Dessa forma, corre-se o risco de algo se perder, pois são ignoradas as ligações

entre as áreas do conhecimento e, ainda, a articulação que há entre os diferentes saberes a respeito do objeto de estudo.

Pensando nisso, elegemos a obra *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, para fazer uma análise pautada em três pontos:

- A linguagem como veículo de construção artística: o texto como obra literária;
- A linguagem como construção gramatical: a forma empregada pela autora;
- A linguagem como objeto de estudo: a linguística.

Essas três áreas do curso de letras serão postas em diálogo dentro do texto, buscando fazer uma investigação em bloco e não fragmentada. Sabemos, porém, que no espaço de um artigo não é possível discutir todo o saber inerente a essas vertentes. Por isso, partindo de uma discussão linguístico-gramatical, o literário exercerá a função de amálgama, pois será princípio, meio e fim. Princípio, pois a discussão partirá de uma obra; meio, porque o *corpus* de análise foi retirado do livro; fim, devido à intenção última que é entender melhor os recursos utilizados pela autora para construir sua narrativa, tanto no campo temático quanto no formal.

Fato ou hipóteses: linguagem, ensino e pesquisa

O jovem pesquisador da língua deve sempre saber que a linguagem tem muitas faces, que se revelam a partir da intenção de quem a utiliza, seja escrita ou oralmente. Além disso, deve partir sempre da ideia de que estudar a língua é constituir hipóteses. Perini explica melhor essa relação nas suas obras *Princípios de linguística descritiva: introdução ao pensamento gramatical* (2006) e *Sofrendo a Gramática*:

ensaios sobre a linguagem (1997), nas quais ele parte da distinção entre fatos e hipóteses para construir sua teoria.

Segundo ele, todo cientista observa um fato, analisa-o minuciosamente e constrói hipóteses. Assim, para oferecer ao leitor uma ideia inicial de sua explanação, o autor utiliza o exemplo do zoólogo que se propõe a estudar as aves de uma ilha desconhecida e conclui que “é fácil ver que os fatos observados pelo pesquisador são inquestionáveis [...]. Mas as hipóteses são necessariamente provisórias” (PERINI, 2006, p. 28). Partindo desse exemplo, ele trata da língua e da atividade do linguista.

Um linguista, observando as palavras, conclui que “é um **fato** que algumas palavras designam coisas e outras atribuem qualidades; mas a classificação construída pelo linguista com base nesse fato é uma hipótese” (PERINI, 2006, p. 28). Com essa fala, evidencia-se que as gramáticas normativas (GN) não são livros sagrados oferecidos à humanidade por um deus da linguagem e, portanto, detentoras da verdade. Na verdade, elas são hipóteses construídas sobre fatos, então podem ser questionadas ou reformuladas. Nessa ótica, o falante é quem segue a gramática e não o contrário, já que ela é construída a partir de uma sistematização do uso feito da língua por falantes nativos.

Para comprovar isso, Perini mostra como a relação substantivo-adjetivo vai muito além das explanações das GN. Em certos contextos, palavras como *velho* podem ser substantivas e, em outros, adjetivas. “[...] a distinção entre a classe dos ‘adjetivos’ e dos ‘substantivos’ simplesmente não existe” (PERINI, 1997, p. 46). Ou seja, a hipótese que classifica essa palavra em apenas um conceito está desatualizada e não se embasa nos fatos da língua. Com base nisso, Perini cria a classe dos ambivalentes, composta por palavras com comportamento semelhante à palavra *velho*. “É bom notar que em português

os ambivalentes são bem mais numerosos que os substantivos e os adjetivos” (PERINI, 2006, p. 29).

Esse trabalho é possível porque o cientista da linguagem, em sua pesquisa, utiliza metodologias e tem por premissas que “fatos são diretamente observáveis através do uso que os falantes fazem da língua; as hipóteses são explicitadas pelos linguistas, e pretendem representar o conhecimento que os falantes têm (sem saber), e que controla o seu uso da língua” (PERINI, 2006, p. 28). Todas as hipóteses “podem ser questionadas; os fatos não podem” (PERINI, 2006, p. 31). Essa problemática exposta pelo autor tem diferentes níveis de discussão; por exemplo, em nível social, temos o preconceito linguístico, que “está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa” (BAGNO, 2002, p. 9). Tal fato gerou a ideia de que “‘Saber gramática’, ou mesmo ‘saber português’, é geralmente privilégio de poucos” (PERINI, 1997, p. 11).

Perini faz alguns apontamentos sobre o processo de superação dessa crença: deve-se acabar com o mito de que estudar gramática é sinônimo de aprender a escrever melhor, porque, na verdade, ela faz parte do conjunto de conhecimentos “[...] que faz de nós membros da nossa cultura, do nosso país e do nosso século” (PERINI, 1997, p. 55). Em outras palavras, “[...] deve-se estudar gramática para saber mais sobre o mundo; não para aplicá-la à solução de problemas práticos como ler ou escrever melhor” (PERINI, 1997, p. 55-56).

O objetivo aqui foi lançar luz sobre a atividade do pesquisador da língua, especificamente dentro processo de ensino-aprendizagem da gramática e da estruturação do estudo gramatical como estudo científico da linguagem, bem como fornecer uma pitada do literário em relação às demais áreas. Mais do que introdução específica ao conteúdo deste trabalho, procurou-se traçar caminhos e apontar perspectivas a partir das quais se desenvolveu esta pesquisa, além de demonstrar nossa visão sobre os estudos gramaticais e literários.

O período e a sua construção: comparando gramáticas

A primeira parte da discussão será feita a partir do contraste entre a gramática tradicional e os estudos linguísticos. Para isso, analisamos os processos de construção de períodos, comparando as posições de alguns gramáticos e também confrontando-as com as concepções de linguistas. As gramáticas de circulação nacional, ao longo dos últimos anos, são de Evanildo Bechara, *Moderna Gramática Portuguesa* (2009), e de Celso Cunha e Lindley Cintra, *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2013), nas quais percebe-se uma preocupação em produzir um material que auxilie no estudo da língua portuguesa.

Cunha e Cintra (2013) afirmam no prefácio que sentiam sua gramática como uma “urgente necessidade para o ensino da Língua Portuguesa”. Bechara (2009), por sua vez, expõe “[...] aos colegas de magistério, aos alunos e ao público estudioso de língua portuguesa” a nova edição. O ensino e aprendizado de português, aparentemente, é o foco destes autores, contudo, é preciso questionar qual língua é seu objeto de estudo.

O período simples

Cunha e Cintra afirmam que a frase “[...] é um enunciado de sentido completo, a unidade mínima de comunicação” (2013, p. 33). Já Azeredo (1990, p. 31) define como “o menor texto possível”. E Garcia (2006, p. 32) afirma que frase é “todo enunciado suficiente por si mesmo para estabelecer comunicação”. Uma frase se organiza no entorno de um verbo ou locução verbal e, por essa formação, recebe o nome de oração. De acordo com a sua constituição dentro do período, poderá ser um período simples ou composto; simples, se houver um único elemento que sintaticamente possui o valor de verbo e composto quando há presença de mais de um verbo.

Cunha e Cintra atestam que o período simples é uma oração “absoluta” (2013, p. 607), ou seja, contém seu sentido completo, com total independência de outras sentenças para constituir seu significado. Essa definição pode ser válida quando se tem uma frase solta, constituída de apenas um período, mas não pode ser considerada absoluta num texto com diversas orações semanticamente unidas com o fito de fornecer sentido ao produto final.

Segundo Perini (1997, p. 243), as formas linguísticas – orações, por exemplo – são interpretadas por um componente semântico. A frase também deve ser contextualizada para assumir um significado e, num texto, a interação entre as frases é um dos fatores que atribuem significado, pois é uma das formas de acesso ao contexto. Para melhor analisar essa afirmação, vejamos os exemplos:

- a. “Ponciá Vicêncio se lembrava pouco do pai. O homem não parava em casa. Vivia constantemente no trabalho da roça, nas terras dos brancos” (EVARISTO, 2003, p. 17).

No fragmento há três orações: **a.** Ponciá Vicêncio se lembrava pouco do pai. **b.** O homem não parava em casa. **c.** Vivia constantemente no trabalho da roça, nas terras dos brancos. Essas três orações, de fato, se lidas isoladamente, possuem sentido. Uma pessoa que as lesse não teria dificuldades de entendê-las, mas, se isoladas, o entendimento não ocorreria da mesma forma que no conjunto.

No texto original, as frases são complementares, não são absolutas, o sentido só pode se completar a partir da relação entre elas. Uma leitura atenta viabiliza a percepção de causa e consequência mantida entre as frases. Isso fica mais fácil de se perceber quando os períodos simples são reescritos em forma de período composto, utilizando operadores argumentativos que explicitam as relações internas:

Entre fatos e hipóteses: a linguagem em análise

- b. “Ponciá Vicêncio se lembrava pouco do pai, pois o homem não parava em casa uma vez que vivia constantemente no trabalho da roça, nas terras dos brancos” (EVARISTO, 2003, p. 17).

Quando acontece a reestruturação e a conseqüente reconstrução, percebe-se que as orações iniciais (**a**, **b**, **c**) naturalmente se relacionam e se completam dentro do texto. Notar esse fato não é jogar ao acaso, pois a atividade de leitura nunca é fragmentada. Nós não isolamos frase por frase, semântica frasal por semântica frasal. Logo, a leitura não é um jogo matemático, pelo contrário:

A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos precedentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo (KOCH; ELIAS, 2014, p. 11).

Não é possível afirmarmos que uma oração é absoluta em seu sentido, uma vez que a construção do texto está imbricada com leitura e com formação de significados. Garcia (2006) utiliza-se de outro exemplo para trabalhar a temática:

- c. “Um vulto cresce na escuridão. Clarissa se encolhe. É Vasco” (VERÍSSIMO apud GARCIA, 2006, p. 32).

Segundo o professor, no “trecho há três orações correspondentes a três períodos simples ou a três frases” (GARCIA, 2006, p. 32). Partindo do princípio de que uma frase isolada é absoluta em seu sentido, perde-se, por exemplo, a conexão entre os dois primeiros períodos – que faz com que se perceba a atitude de medo de Clarissa, ou seja, ela

se encolhe por medo do vulto que cresce na escuridão. Essa observação leva-nos à percepção de que a oração “Clarissa se encolhe” só pode ser entendida a partir da primeira, “Um vulto cresce na escuridão”; assim, é possível compreender que elas estão semanticamente relacionadas. Isso, então, nos leva à conclusão de que seus sentidos não são absolutos se vistas isoladamente.

Período composto

O período composto é basicamente uma frase construída a partir de duas ou mais orações. Assim, a frase:

- a. “Um dia Ponciá juntou todas as revistas e jornais e fez uma grande fogueira com tudo” (EVARISTO, 2003, p. 91).

Pode ser dividida em dois períodos.

- b. Um dia Ponciá juntou todas as revistas e jornais
c. E fez uma grande fogueira com tudo

Ao classificar a relação entre as orações **b** e **c**, conclui-se que se trata de um período composto por coordenação. Nessa perspectiva, **b** seria uma Oração Coordenada Assindética e **c**, uma Oração Coordenada Sindética Aditiva.

Segundo Cunha e Cintra (2013, p. 607-608), a oração coordenada é autônoma e INDEPENDENTE, isto é, cada uma tem sentido próprio. As coordenadas não funcionam como TERMOS de outra oração, nem a eles se referem: uma apenas enriquece com o seu sentido a totalidade da outra. Partindo desse conceito, veremos que, na frase **a**, há inconsistência na afirmação de independência. Se a primeira oração pode,

Entre fatos e hipóteses: a linguagem em análise

de alguma forma, completar a segunda, isso significa que ela não é totalmente independente. No caso, há duas ações, a de juntar e em seguida a de queimar, e ambas estão intimamente ligadas, portanto, são dependentes uma da outra. O que se constata é uma progressão de fatos, em que o fim da primeira ação leva à segunda. As orações estão, na realidade, caminhando juntas em complementaridade e não em isolamento. Outro exemplo disso está na frase:

- d. "Para Ponciá, a cidade lhe parecia agora sem graça e a vida seguia sem qualquer motivo" (EVARISTO, 2003, p. 74).

Temos novamente uma oração coordenada assindética: "Para Ponciá, a cidade lhe parecia agora sem graça" e uma oração coordenada sindética aditiva: "e a vida seguia sem qualquer motivo". Essas frases não estão isoladas uma em relação à outra, isto é, possuem postura de complementaridade de sentido. Carone (2004, p. 92) afirma que, no processo de coordenação, "[...] duas orações, ambas tomadas em sua totalidade, se relacionam entre si". Se há relação, existe complementaridade e não independência. Diante dessa questão, Carone (2004) sustenta que a postura tradicional acerca da independência das orações revela certa pobreza na análise da língua e um abandono da sintaxe em favor da lógica.

Um outro conceito erigido para explicar a relação entre orações é a subordinação. Temos um exemplo de período composto por subordinação na frase:

- e. "A menina ouvira dizer algumas vezes que Vô Vicência havia deixado uma herança para ela" (EVARISTO, 2003, p. 29).

Esta frase possui duas orações:

- f. A menina ouvira dizer algumas vezes
- g. que Vô Vicêncio havia deixado uma herança para ela.

A oração **f** é chamada pelos gramáticos de Oração Principal e a **g** seria classificada como Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta. Para Cunha e Cintra (2013, p. 608), partindo desse exemplo, a oração principal “[...] contém a declaração principal do período, rege-se por si, e não desempenha nenhuma função sintática em outra oração do período”, e “a segunda oração tem sua existência dependente da primeira”.

Contudo, nos exemplos **f** e **g**, há duas orações isoladas e, em ambas, a sensação de um vácuo semântico. Nessa perspectiva, Meira (2008), no artigo *As orações e as relações de interdependência*, parte do princípio de que os termos dependência e independência são, normalmente, utilizados para diferenciar as orações subordinadas e as orações coordenadas, respectivamente. Esse posicionamento da autora se embasa nos estudos de Koch (2011, p. 108), que argumenta que “[...] toda oração ou conjunto de orações veicula significados; forma e conteúdo – como também a maneira pela qual são veiculados – são conceitos solidários, que não podem e não devem ser desvinculados no estudo da linguagem humana”.

Partindo dessa concepção, Koch (2011, p. 108) afirma que:

Sob esse enfoque, torna-se inadequado falar em orações dependentes (ou subordinadas) e independentes (ou coordenadas), já que se estabelecem, entre as orações que compõem um período, um parágrafo ou um texto, relações de **interdependência**, de tal modo que qualquer uma delas é necessária à compreensão das demais.

Por isso, se voltarmos à frase: “A menina ouvira dizer algumas vezes que Vô Vicêncio havia deixado uma herança para ela” (EVARISTO, 2003, p. 29), veremos que, para que o período tenha sentido, a segunda oração não está em segundo plano. Ou seja, não existe uma relação hierárquica, e sim uma relação de interdependência, na qual as duas orações interagem para criar o sentido.

O período em *Ponciá Vicêncio*: recurso estilístico e temático

A discussão que fizemos até agora, aparentemente estéril para o campo da literatura, ganha novo sentido quando contextualizada na perspectiva de uma obra como *Ponciá Vicêncio*. Esse livro é uma janela aberta para a tradição negro-africana em solo brasileiro. A autora, Conceição Evaristo, é uma afro-brasileira consciente de suas raízes e produtora de uma arte que contempla essa realidade sócio-histórica que, mais do que da autora, é do Brasil.

No prefácio dessa edição, Maria José Somerlate Barbosa (BARBOSA, 2003, p. 8) tece o seguinte comentário: “[...] As frases curtas, quase secas, o uso de poucos adjetivos e de poucas conjunções aditivas contrastam claramente com a quantidade de emoções e de sentimentos que escorrem pelas entrelinhas”. Essa afirmativa foi, para nós, emblemática, uma fagulha inspiradora. Em outras palavras, a prefaçadora está afirmando que o uso de frases curtas – numa rápida análise, percebe-se que os períodos simples têm presença massiva na construção textual – é uma das formas que a autora encontrou para expressar e transmitir ao leitor uma semântica mais apurada no texto.

Todavia, pode haver outros possíveis motivos que, conscientemente ou não, fizeram com que ela recorresse a essa estrutura. Um levantamento de trabalhos já publicados sobre o livro em questão, pesquisas das tradições negro-africanas e referentes à autora, ajudou-nos

a desvendar esse mistério pelo menos em caráter inicial. No início deste texto, uma das epígrafes afirma que onde não havia a escrita, a palavra é o fator de estruturação da sociedade. Ela está em um texto chamado *A tradição Viva*, de Amadou Hampaté Bâ (2010). Nele, é descrita a relação visceral que povos africanos estudados pelo autor mantêm com a fala, com a oralidade, que é a grande responsável por manter saudável e oxigenado o sistema cultural dessas pessoas. É como uma corrente produzida geração após geração, em que uma geração forja a seguinte, a partir dos conhecimentos acumulados por quem veio antes.

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer *são a memória viva da África* (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 167).

Essa tradição não se perdeu em solo brasileiro quando os povos africanos foram trazidos para cá, ela se reestruturou para sobreviver. Outro texto chave para entender os princípios defendidos nesta pesquisa é *Valores Civilizatórios em Sociedades Negro-africanas*, de Fábio Leite (1997), no qual o estudioso apresenta elementos como valores, a saber: Força Vital, Palavra, Homem/pessoa, Socialização, Morte, Ancestrais e ancestralidade, Família, Produção e Poder. Esses elementos não estão dissociados, pelo contrário, estão imbricados de forma coesa e consistente.

Hampaté Bâ e Leite dialogam, pois concordam sobre as bases dessas sociedades. Mas como eles nos ajudam a entender o que ocorre na

obra? Como esses textos nos ajudam a entender a construção dos períodos dentro da obra? Desde o início, afirmamos que a gramática tradicional é um livro que edifica hipóteses sobre o funcionamento da língua, mas que por vezes se afasta de uma visão pragmática por desejar manter a tradição.

Na discussão sobre períodos compostos, a respeito da dependência ou a independência, concluímos que o melhor termo é a interdependência, pois o sentido de uma frase completa o de outra e, assim, o todo é construído. Ou seja, a imagem da corrente é o que dá coesão a nossa discussão. A interdependência das frases é como alguém tricotando um cachecol: o ponto certo, feito da maneira correta, só quando terminado torna possível a construção do ponto seguinte. As últimas palavras do livro são a chave para entender todo esse processo:

Lá fora, no céu cor de íris, um enorme angorô multicolorido se dilui lentamente, enquanto Ponciá Vicêncio, elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não se perdeu jamais, se guardaria nas águas do rio (EVARISTO, 2003, p. 128).

Esses dois substantivos aplicados à personagem – elo e herança – são muito reveladores. Ela, assim como a obra e sua configuração gráfica (forma), é elo, isto é, liga duas partes que, apesar de não serem idênticas, são complementares para a construção de um todo. E também é herança, pois aquilo que foi recebido das gerações anteriores é transmitido às seguintes. Ou seja, exatamente o sentido posto pelas conclusões das discussões feitas na primeira parte deste texto. Em outras palavras, Conceição Evaristo constrói correntes com as frases, e nelas estão presentes a forma, o tema, a escrita, o sentido, a gramática e a semântica. Em termos gerais, a professora Alves (2009, p. 20) identificou esses processos em duas maneiras de se trabalhar com o texto literário:

De acordo com nossa história literária, observo que duas têm sido a maneira de fazer literatura no Brasil, desde a colonização: uma voltada para a aceitação desta condição cultural, ideológica, portanto, e outra, contraideológica, que busca questioná-la. No primeiro caso temos o que os teóricos chamam *mimesis* da representação, e, no segundo caso, a *mimesis* da produção.

Aqui, interessa-nos o segundo caso, pois essa atitude contraideológica de que fala Alves (2009) se dá de modo a alcançar o âmago da pessoa por aquilo que é mais dela, pelo objeto que usa para significar o mundo: a linguagem.

Ponciá Vicêncio nos é apresentada questionando o seu nome e, pelas lembranças, dá a conhecer sobre si e sua família. O avô fora escravizado pelo Senhor Vicêncio, conseguira a Carta de Alforria, mas nunca pôde usufruir da liberdade, pois a Carta lhe foi tirada. Ponciá era livre, mas aprisionada ao nome herdado do antigo senhor. Era livre, mas todos os espaços que buscou, a fim de conquistar sua própria identidade, estavam fechados para ela. A opção pelos períodos tradicionalmente independentes – mas, visto à luz dos teóricos aqui elencados, dependentes, complementares – se justifica por estarem em consonância com a vida da personagem.

Considerações finais

Procuramos articular saberes adquiridos no curso de licenciatura em letras, orientados por uma professora doutora em estudos da linguagem e por outra doutora em literatura brasileira. Aparentemente, esses campos do conhecimento estão desvinculados ou em posicionamentos antagônicos, porém, na realidade, não é essa a posição assumida. Os estudos gramaticais revelam uma atenção especial à linguagem em uma perspectiva internalizante, por outro lado, a

Entre fatos e hipóteses: a linguagem em análise

linguística moderna trabalha numa perspectiva mais pragmática, externa. Já a literatura faz uso desses saberes para construir um texto que vai além da linguagem corriqueira, pois o literário possui estatuto de arte e como tal tende ao belo.

Apresentar o período simples como não absoluto e o período composto – construído a partir de uma perspectiva relacional, de interdependência entre as orações que o compõem – é analisar os mecanismos que Conceição Evaristo utilizou para edificar um texto. Uma narrativa que reivindica, na forma, a tradição da oralidade e que reclama o direito às suas raízes, construindo, a partir da noção de elo e herança, correntes que ligam saberes, tradições, vidas, histórias, memórias. O texto é corrente, forjado no calor do tempo e tendo, como matéria-prima, a linguagem.

Referências

- ALVES, Lídia Maria Nazaré. **Clarice Lispector e Franz Kafka em cena:** não tomar seu santo nome em vão. 217f. Tese (doutorado em Literatura Comparada). Universidade Federal Fluminense/Instituto de Letras, 2009.
- AZEREDO, José Carlos de. **Iniciação a sintaxe do português.** Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico:** o que é, como se faz. 15. ed. Loyola: São Paulo, 2002.
- BARBOSA, Maria J. S. Prefácio. *In:* EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa.** 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CARONE, Flávia de Barros. **Morfossintaxe.** São Paulo: Editora Ática, 2004.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Gramática do Português Contemporâneo.** 6. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2013.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.
- GARCIA, Othon Moacir. **A comunicação em prosa moderna.** 26. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. *In:* KI-ZERBO, Joseph (editor). **História geral da África I:** Metodologia e pré-história da África. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/amadou_hampat%C3%A9_b%C3%A2_-_a_tradi%C3%A7%C3%A3o_viva.pdf. Acesso em: 11 dez. 2017.
- KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. **Argumentação e linguagem.** 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender:** Os sentidos do texto. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

LEITE, Fábio. Valores Civilizatórios em sociedades negro-africanas. **África**, n. 18-19, p. 103-118, 1997. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/africa/article/viewFile/74962/78528>. Acesso em: 11 dez. 2017.

MEIRA, Ana Clara Gonçalves Alves de. As orações e as relações de interdependência. **ÍCONE – Revista de Letras**, v. 2, p. 43-54, jul. 2008. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/icone/article/view/5127>. Acesso em: 11 dez. 2017.

PERINI, Mário Alberto. **Princípios de Linguística Descritiva**: introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Parábola, 2006.

PERINI, Mário Alberto. **Sofrendo a gramática**: Ensaios sobre a linguagem. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.

Leitura complementar

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2004.